

TRADUÇÃO

A TRADUÇÃO COMO "PROBLEMA TEÓRICO", AS ESTRATÉGIAS DO LOGOCENTRISMO E A MUDANÇA DE PARADIGMA¹

Rosemary Arrojo²

Resumo: O objetivo principal deste ensaio é examinar o contraste entre a concepção tradicional de tradução, referendada pelas principais disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem a partir de uma perspectiva logocêntrica, para as quais a tarefa do tradutor é necessariamente um "problema" e, muitas vezes, uma impossibilidade ou até mesmo um constrangimento, e as reflexões que começaram a proliferar particularmente no final da década passada, de inspiração pós-estruturalista ou pós-moderna, e que liberam a tradução de seu estigma milenar de "problema teórico". Essa mudança de paradigma abre perspectivas animadoras para a tradução não apenas enquanto objeto de estudos da linguagem, mas também para a sua prática.

Unitermos: Teoria de tradução. Deconstrução. Pós-estruturalismo. Pós-modernismo. Logocentrismo.

Abstract: *The main goal of this paper is to examine the contrast between the traditional conception of translation, supported by the main disciplines dedicated to language studies from a logocentric point of view, for which the translator's task is necessarily a "problem" and, often, an impossibility or even an embarrassment, and the reflections which have begun to proliferate particularly at the end of the 1980's, under the influence of post-structuralism or post-modernism, and which have freed translation from its ancient stigma of "theoretical problem". This paradigm shift opens up reassuring perspectives for translation both as a practice and as an object of inquiry within language studies.*

Key-words: *Translation theory. Deconstruction. Post-structuralism. Post-modernism. Logocentrism.*

And here, of course, from a deconstructive point of view, true science would consist of taking into account the ultimate impossibility of such a thing as a true science that would attain a metalevel of theory that would transcend even the practice of that theory.

Michael Ryan
Marxism and Deconstruction

Within contemporary philosophical work there is preoccupation, if not fascination with translation. It provides the "concept" in terms of which the possibility, if not the actual practice, of philosophy is discussed. At the same time it also provides a way into an analysis of the transmission of culture.

Andrew Benjamin
Translation and the Nature of Philosophy

Para Jacques Derrida, o modelo de ciência que culmina com a formulação da lei de Newton defende uma concepção de verdade cuja imagem se traduz na de "uma mulher que seduz à distância". Na história das idéias, após um primeiro período platônico, em que o próprio filósofo é a verdade ("Eu, Platão, sou a verdade"), o segundo período é exatamente esse longo momento em que a "idéia" assume a imagem de uma mulher cristã e castradora que, a distância, seduz o filósofo:

A distância (mulher) afasta a verdade (o filósofo). É ela quem propicia a idéia. E a idéia se retira, se torna transcendente, inacessível, sedutora. Acena de longe. Seus véus flutuam à distância. Inicia-se o sonho da morte. E é mulher (pp. 87-88)³.

Como sugere Gregory L. Ulmer, essa é também a "história da verdade como erro, como algo de que se exila o sábio, e cujo resgate se torna o objetivo de toda sua investigação, estimulado pelo desejo de desco-

brir o que se esconde" (p. 36). Assim, enquanto essa "verdade"/mulher seduz a distância com a promessa de uma revelação fulgurante e definitiva, porém sempre adia-da, seu apaixonado perseguidor se alimenta da ilusão de um dia poder finalmente descobrir e possuir para sempre o segredo que esconde.

Essa trama de sedução e engodo, essa perseguição inútil e incansável da verdade única, do significado definitivo, da revelação última, em que se encaixam, de uma forma ou de outra, todos os projetos de inspiração logocêntrica, encontra uma representação exemplar nos estudos teóricos da tradução, sobretudo em seu desejo urgente de se tornar uma ciência independente, uma "tradutologia" precisa e exata, capaz de sistematizar, controlar e normatizar a atividade do tradutor, sempre tão resistente a regras genéricas e a predeterminações. As reflexões teóricas de ascendência logocêntrica – que há pelos menos dois milênios tratam da tradução – geralmente enxergam seu objeto de interesse como um "problema" rebelde que tem resistido às investidas das diversas disciplinas dedicadas aos estudos da linguagem. O que motiva essa, como tantas outras buscas impossíveis, é a expectativa de se descobrir um modelo teórico que pudesse solucionar os aparentes desencontros entre uma prática tão intensa e tão fundamental e uma teorização tão ineficiente e tão limitada. Como observa Joseph F. Graham, no ensaio "Theory for translation", a teoria que se procura "deveria ser absolutamente científica, além de decididamente pedagógica [...] completamente explícita, não permitindo nenhuma implicação, nenhuma suposição, não exigindo, portanto, nenhuma interpretação", uma teoria, enfim, que pudesse tornar realidade, como também sugere Graham, o sonho da máquina de traduzir (14, p. 29).

Como tenho argumentado, não é a tradução que constitui um teimoso "problema"

teórico nem deve ser responsabilizada pelo impasse entre teoria e prática que parece provocar. O “problema” se encontra, sim, nos pressupostos e nas expectativas que o logocentrismo projeta para a atividade do tradutor. A investigação teórica sobre a tradução em moldes logocêntricos – quer esteja vinculada à lingüística, à teoria literária, à semiótica ou à filosofia da linguagem – é, antes de mais nada, narcisista; seu interesse maior não é simplesmente deslindar os meandros do processo tradutório, mas, sim, a manutenção e a defesa de seus próprios princípios e crenças. Voltando à alegoria proposta por Derrida, a procura apaixonada da “verdade” sedutora e arredia parece ser também uma procura do próprio reflexo; o que esse perseguidor busca encontrar sob os véus da esquiva “verdade” é a possibilidade de recuperar o momento histórico anterior, o momento platônico em que o pensador é, literalmente, dono e senhor de sua verdade. De forma semelhante, o que cada teórico da tradução parece buscar é precisamente a confirmação da concepção de linguagem, ou da tese lingüística, com que inicia sua reflexão sobre a atividade do tradutor.

Para Georges Mounin, por exemplo, em *Os problemas teóricos da tradução*, a prioridade explícita é exatamente preservar a “ciência lingüística”. Ao se deparar com o que considera um impasse entre a teoria (fornecida com exclusividade pela lingüística estrutural) e a prática da tradução, Mounin (17) chega a propor como solução a condenação da possibilidade teórica da tradução em nome da lingüística, além de afirmar que apenas no interior desta poderão ser esclarecidos “os problemas teóricos suscitados pela legitimidade ou ilegitimidade da operação de traduzir, e por sua possibilidade ou impossibilidade” (p. 27; ver, também, 2 e 3). Susan Bassnett, por sua vez, apesar de defender a necessidade de se criar uma disciplina independente que possa se dedicar exclusivamente à reflexão sobre a

tradução, não deixa de explicitar seu interesse teórico:

[...] o primeiro passo no sentido de um exame dos mecanismos da tradução deve ser aceitar que, embora a tradução tenha um componente central de atividade lingüística, ela pertence mais apropriadamente à semiótica, a ciência que estuda os sistemas ou estruturas dos signos, os mecanismos e as funções dos signos (9; ver, também, 2).

Em seu breve ensaio, Graham também repete os principais gestos da estratégia logocêntrica que lhe permite alimentar a ilusão de que finalmente poderá abrir o caminho que conduzirá à solução definitiva de seu “problema teórico”. Seu ponto de partida, como os de Mounin e de tantos outros teóricos, é o que considera “a falta já crônica de uma teoria de tradução rigorosa” (14, p. 24). O início de sua discussão é motivado pelas conclusões de George Steiner em *After Babel: aspects of language and translation*, particularmente em seu capítulo dedicado aos “problemas” da teoria, “The claims of theory”. Após um detalhado e bem-informado passeio pelos principais comentários teóricos que, desde Cícero, tentam equacionar a “resistência” da tradução a qualquer legislação imposta de fora, Steiner conclui com uma “nova” versão de um surrado chavão na área: como a teorização é sempre “posterior ao fato”, a tradução não pode ser uma “ciência” mas, sim, uma “arte exata” (p. 295). O problema da “rebeldia” da prática tradutória em relação aos moldes restritivos da “ciência” é equacionado por Steiner através de uma mudança de classificação. Em outras palavras, já que a prática da tradução não é sistematizável, já que a “ciência” não pode dar conta da atividade do tradutor nesses termos, esta passa a fazer parte de outra área, menos rígida, já que é “arte”, sem deixar, contudo, de ser “exata”, para que supostamente se mante-

nha afastada o suficiente do caos e da falta de controle.

Para Graham (14), contudo, essa “solução” apenas escamoteia a questão pois não deixa de preservar a “indesejável” contaminação da teoria com a prática:

Há muito pouca substância teórica em grande parte do que se escreve sobre a questão da tradução porque sempre se escreveu como se se estivesse na oficina [*workshop*]. As anedotas pessoais e os conselhos podem muito bem ser úteis, mas com certeza jamais fornecerão uma teoria coesa e coerente para a tradução (p. 23).

Com base nesse diagnóstico, prepara o terreno para semear aquela que finalmente será a “solução” do “problema”. Como argumenta, também os “problemas da linguagem e do significado”, que “resistiram a várias abordagens diretas ou ataques frontais”, puderam, “em alguns casos”, ser enfrentados com “sucesso notável” através de uma “estratégia mais circunspecta” (p. 26). Nos estudos “científicos” da linguagem, essa “estratégia mais circunspecta” revelou-se, segundo Graham, através da gramática gerativo-transformacional que “finalmente emergiu do impasse da lingüística estrutural com uma proposta específica de reconsiderar a própria natureza e a função de uma teoria da linguagem” (*idem*). O “sucesso” desse modelo teórico se deve, aliás, exatamente à sua capacidade de superar “os objetivos empíricos iniciais e ingênuos que ainda eram perseguidos [dentro da lingüística] com cega confiança”. Assim, para Graham, a gramática gerativo-transformacional trouxe como resultado uma “revolução” nos estudos da linguagem, que passam a se dedicar à “tarefa original de definir um objeto adequado e de criar um método apropriado para a lingüística” (*idem*). Esse “método apropriado”, como se sabe, encontra suporte teórico na distinção saussuriana entre *langue* e *parole*, rearticulada por Chomsky em *com-*

petence e *performance*. Tais oposições, prossegue Graham, “têm como meta determinar um objeto definido para a lingüística” somente a partir da “abstração da grande massa de fenômenos genericamente designados pelos termos da linguagem em uso comum”. Além disso, “sugerem oposições bastante semelhantes àquelas entre sistema e uso, código e mensagem, conhecimento e comportamento”, às quais poderíamos, sem dúvida, acrescentar a velha oposição entre teoria e prática (pp. 26-27). Ao propor que essa estratégica “revolução” “beneficie” também a teorização sobre tradução, Graham sugere que “algumas dessas distinções” sejam aplicadas à tradução: “por analogia, ‘competência’ seria a habilidade de traduzir e ‘desempenho’ a atividade do tradutor, uma pressupondo a outra”. A teoria da tradução seria, assim, “uma gramática comparativa que representasse a ‘competência’ em termos de um conhecimento de línguas em correlação”. Conseqüentemente,

há razões para se acreditar que grande parte da confusão acerca da natureza e da função de uma teoria para a tradução poderia ser dissolvida simplesmente através do uso regular da distinção básica entre competência e desempenho (p. 27).

A “diferença real” entre a “nova fórmula” e as “velhas receitas” para a tradução seria, então, “bastante diferente”:

[...] não mais a velha distinção entre uma teoria e nenhuma, nem simplesmente entre a mais ou menos explícita, mas essencialmente entre duas funções separadas de uma distinção entre uma arte e uma ciência da tradução (*idem*).

O círculo se fecha e voltamos novamente ao ponto de partida. A “resolução” do “problema teórico” da tradução que Graham crê encontrar na gramática gerativo-transformacional interessa prioritariamente a esse modelo teórico. Ao se ocupar da tarefa de definir um “objeto adequado” e de criar um “método apropriado”

para a lingüística, a gramática gerativo-transformacional desencadeia uma “revolução” apenas no interior da própria teoria e exclusivamente sob a condição de que essa se mantenha afastada dos interesses de uma prática que, paradoxalmente, se apresenta como sua primeira motivação. Assim, a “revolução” imaginada por Graham com o fim de superar a “falta crônica de uma teoria rigorosa” não passa de outra versão da mesma conclusão que critica em Steiner; ou seja, tudo aquilo que não for sistematizável, flexível aos objetivos “definidos” e “circunscritos” do modelo teórico escolhido, deverá ser exilado para a periferia da “ciência”, ou para os domínios da “arte”. A “revolução” apenas esboçada por Graham se daria, portanto, exatamente no campo que pretende superar e abandonar. Nesse sentido, embora o “problema teórico” possa ser resolvido para um determinado modelo e apenas dentro de seus estreitos limites, a prática – a atividade, o desempenho, o “real” – continua a ser um “problema”, apesar das incansáveis investidas feitas em nome de uma ciência que se pretende rigorosa e impessoal. Esse “problema”, que, como sustento, apenas existe na medida em que haja essa pretensão impossível de rigor e neutralidade, permanecerá para sempre insolúvel já que jamais poderá se moldar ao desejo narcisista do teórico que busca, sem o saber, apenas o próprio reflexo.

A resolução do impasse depende, em primeiro lugar, da consciência desse desejo e da inutilidade dessa busca, consciência essa que poderia inaugurar o que Derrida considera um terceiro estágio na história das idéias: o momento em que o perseguidor da verdade esquiva e inatingível passa a buscar o possível, abrindo mão de sua fixação no transcendente e no sobre-humano e aceitando os limites e os imprevistos da prática e do “real”. E é o prenúncio de um momento semelhante a esse – também chamado por alguns de “pós-estruturalismo”

ou, ainda, de “pós-modernismo” – que começa a redefinir os interesses e o rumo dos estudos sobre tradução, particularmente desde meados da década passada⁴.

No prefácio a *Difference in translation*, o “mesmo” Joseph F. Graham, que, como vimos, defendia a busca de uma “teoria absolutamente científica” e que livrasse a tradução de qualquer necessidade de interpretação, declara que a “idéia de linguagem” implícita (e explícita) nos ensaios por ele coletados “é muito diferente das mais familiares”:

É uma idéia sobre a função constitutiva e, portanto, positiva das diferenças da linguagem, já que caracterizam não apenas o fato básico da linguagem mas também todo e qualquer ato lingüístico, quer seja expressivo ou interpretativo. Este volume ilustra essa idéia com referência específica à tradução, e os ensaios [aqui coletados] discutem em detalhe suas conseqüências, em claro contraste com aquelas verificadas na tradição dominante, que concebe a tarefa do tradutor de uma forma em que a diferença significa fracasso. O efeito comum desses ensaios é reverter esse julgamento, mostrando como a operação da linguagem já inclui a tradução, da mesma forma que exige a diferença. Nesse processo, o uso e o valor da desconstrução também são demonstrados (15, p. 7).

Os fatos “novos” que separam o Graham de 1981 e o de 1985 não por acaso se resumem à aceitação da inevitabilidade da “diferença” como “constitutiva” da linguagem e como seu “fato básico” e ao parentesco próximo que passa a se estabelecer entre a tradução, não mais associada ao fracasso inevitável, e a desconstrução de Derrida. Como prossegue Graham (15), os autores dos ensaios que prefacia

estão convencidos de que algo de fato ocorreu no sentido de mudar radicalmente nosso pensamento sobre a linguagem, e estão determinados a discutir em detalhes algumas das suas conseqüências específicas e estratégicas para a tradução. Princípiam

com uma idéia estabelecida do que a tradução envolve, eliminam qualquer condição de privilégio ou de isenção especial de que possa ter gozado e, então, levantam sérias dúvidas sobre sua legitimidade ou validade. Uma estratégia comum em tal crítica é reverter a direção da investigação sobre um dado problema através da estratégia de considerar a solução proposta como outro problema – e, mais provavelmente, ainda como outra instância do mesmo problema. Nenhuma solução que seja parte [...] do problema que pretendia resolver pode ser, na realidade, uma solução. Assim, a tradução não pode resolver o problema do significado enquanto restar qualquer questão sobre o significado dos termos que definem a própria tradução. Vários destes ensaios vêem a tradução em seu sentido comum como problemática já que encontram problemas precisamente nesse sentido comum (p. 20).

Entre 1981 e 1985, pelo menos para a reflexão desenvolvida nos dois textos de Graham que aqui examinamos, a situação “teórica” da tradução sofre uma transformação radical. O que antes era o “problema” – a “rebeldia” da prática em relação a uma teoria que se pretendia “exata” e “absolutamente científica” – e o que antes era a sonhada “solução” – a eliminação da diferença, ou, como vimos, nas palavras do primeiro Graham, a “abstração da grande massa de fenômenos genericamente designados pelos termos da linguagem em uso comum” – passam a ocupar posições distintas nesse “novo” enredo teórico. Esse “problema” deixa de existir como tal na medida em que se passa a reconhecer a impossibilidade de qualquer teoria que pudesse ser “absolutamente científica” e tornar a tradução uma operação absolutamente previsível, predeterminável e imune à diferença. O que antes era “problema” passa, portanto, à condição de pressuposto e de condição básica de todo e qualquer intercâmbio lingüístico. Além disso, a suposta “solução” sonhada pelo Graham de 1981 que, entre outras coisas, via a tradução em seu “senti-

do comum”, ou seja, entretinha a possibilidade de um transporte antisséptico de significados de um texto, de uma língua, de um tempo e de uma cultura para outros, é que passa a ser “problemática” em 1985. A partir do momento em que a desconstrução de Derrida permite entrever e aceitar a tradução como um processo necessariamente transformador de significados e que ocorre, além do mais, também nos alicerces de qualquer intercâmbio lingüístico, mesmo dentro daquela que convencionamos chamar de “a mesma língua”⁵, a busca da teoria exata e do “absolutamente científico” passa a ser substituída pela convicção e pela aceitação sem reservas de que

não temos nenhuma teoria definitiva da linguagem, nem do significado, nem tampouco nenhum critério definitivo para a tradução. O que sabemos é, na melhor das hipóteses, conjectural, nem total, nem final, mas fragmentário e temporário [...] Não dispomos de nenhuma definição real, de nenhuma descrição que tenha suficiente substância empírica ou força lógica para dizer o que é que torna as traduções o que são (p. 23).

A partir da segunda metade da década passada, mesmo outros estudiosos importantes que não mantêm vínculo explícito com a reflexão desconstrutivista passam a aceitar a diferença e a transformação como engrenagens fundamentais do processo tradutório. Na “Introdução” à coletânea de ensaios que organizaram para a Pinter Publishers, Susan Bassnett e André Lefevere (10) discutem a questão “problemática” da avaliação e da crítica de traduções nos termos seguintes:

O problema com os parâmetros [para a avaliação de traduções] é que não são eternos nem imutáveis. A maioria dos que escrevem sobre tradução e que a vêem sob a perspectiva da lingüística parece ser incapaz de lidar com isso, talvez porque (ainda) estejam presos aos aspectos mais positivistas da lingüística (p. 4).

Nesse texto fundamental, que reafirma o direito e a vontade política da disciplina Estudos sobre Tradução (Translation Studies) de delimitar seu próprio espaço e escopo, também se declara o fim do sonho logocêntrico do transporte perfeito, da tradução absolutamente correta, eterna e unanimemente aceitável, que é, aliás, também o fim do monopólio atribuído à lingüística para a "resolução" dos "problemas teóricos" da tradução, como tanto quis Mounin nos anos 60. Nas palavras de Bassnett e Lefevere (10):

A posição geralmente ocupada pelo lingüista nos estudos sobre tradução seria mais ou menos análoga àquela de um explorador intrépido que se recusa a tomar conhecimento das árvores que crescem na nova região por ele descoberta até que tenha a certeza de ter chegado, diligentemente, a uma descrição de todas as plantas que lá se encontram (p. 4).

O abandono da lingüística "positivista", que podemos considerar, genericamente, como o abandono do logocentrismo mais miope, que inclui, inclusive, também o abandono do tipo de semiótica anteriormente defendido por Susan Bassnett como a disciplina que deveria encampar as questões teóricas da tradução, coincide, previsivelmente, com a aceitação da história, da passagem do tempo, da perspectiva, do "viés", todos agentes da diferença e do descompasso eterno e inescapável entre signifiicante e significado que caracteriza todo projeto humano. Coincide, sobretudo, com a aceitação da prática e de sua "imprevisibilidade" e com a real incorporação desta à reflexão teórica, que não mais necessita de subterfúgios para se proteger daquela que é seu objeto primeiro e sua própria justificativa. Não mais "posterior ao fato", como queria Steiner, a teoria passa a ser reconhecida também como a força ideológica que impulsiona e determina qualquer atividade prática. Para Bassnett e Lefevere, os estu-

dos sobre tradução deixam a lingüística e o que esta representa ideologicamente e passam a adotar uma "perspectiva cultural" (*cultural turn*), que nos permite aceitar a "mortalidade" e a "humanidade" da tradução, como de qualquer outra atividade ou produto humano:

As traduções feitas em épocas diferentes [...] tendem a ser feitas sob condições diferentes e são diferentes, não porque sejam boas ou más, mas porque foram produzidas com o intuito de satisfazer exigências diferentes. Não se pode enfatizar o suficiente que a produção de traduções diferentes, em épocas diferentes, não indica nenhuma "traição" de critérios absolutos, mas, sim, a ausência, pura e simples, de qualquer critério absoluto. Estes são os fatos da vida na produção – e no estudo – de traduções (10, p. 5).

Conseqüentemente, nos ensaios reunidos nessa coletânea, que significativamente se intitula *Translation, history and culture*, os leitores não mais encontrarão

comparações diligentes entre originais e traduções, principalmente porque tais comparações, depois de adularem a concepção de texto-como-unidade, tendem a se tornar vítimas da "teoria invisível" da *tertium comparationis*, que é implicitamente postulada para fornecer subsídios a julgamentos sobre as razões pelas quais uma certa tradução (geralmente proposta pelo autor do ensaio em questão) é melhor do que outra (em geral contida na tradução que está sendo comparada com seu original). O leitor tampouco encontrará sugestões para a produção de traduções à prova de erros ou para a formação de tradutores à prova de erros, simplesmente porque ambas são, no mínimo, quimeras utópicas (10, pp. 4-5).

Sinais dessa mudança de paradigma podem ser claramente detectados também em outros trabalhos publicados no mesmo período. A aceitação da diferença, em seu sentido mais amplo, que passa a ser central nas

reflexões sobre a linguagem praticadas nos últimos anos, e que é tão exemplarmente ilustrada até mesmo pela mais simples tradução, permeia boa parte do que se tem escrito na área. Rosanna Warren, por exemplo, na "Introdução" à coletânea que organizou em 1989, chega a associar essa aceitação da diferença à saúde mental individual e coletiva: "A saúde psíquica de um indivíduo reside na capacidade de reconhecer e receber bem o 'Outro'. O mesmo pode-se dizer da civilização". Conseqüentemente, a resistência à tradução, à diferença e ao "estrangeiro" não passaria de uma espécie de "idiotia", cuja etimologia nos leva às noções de "privacidade, peculiaridade, isolamento" (p. 3). Num ensaio publicado em 1990, Sherry Simon fornece outro exemplo e explica parte dessa "fascinação" atual com a tarefa do tradutor:

A tradução se tornou recentemente o objeto de um tipo de reestruturação conceitual, encontrando-se no centro do debate contemporâneo sobre processos de transmissão cultural e suas relações com a linguagem. A tradução não é apenas uma operação de transferência lingüística, mas também um processo que gera novas formas textuais, cria novas formas de conhecimento e introduz novos paradigmas culturais. A fascinação da tradução, como sugeriu Roman Jakobson, reside no fato de que aborda a questão central da "equivalência na diferença". Cada vez mais, numa era que reage contra as grandes hegemonias da identidade, nos damos conta de que é a diferença que nos interessa hoje (pp. 96-97).

A partir dessa perspectiva, as questões teóricas suscitadas pela tradução passam a atrair também estudiosos de outras disciplinas. A tradução deixa de "pertencer" aos domínios desta ou daquela disciplina e começa a fornecer subsídios a outras áreas, entre as quais a filosofia contemporânea. Andrew Benjamin, como Christopher Norris e como o próprio Derrida, vê, em "qualquer

discussão sobre tradução", "uma discussão sobre a natureza da empresa filosófica" (p. 1; ver também 13 e 18). O parentesco da tradução com a filosofia contemporânea, interessada em amparar e em refletir sobre as conseqüências da diferença, abre perspectivas importantes não apenas para os estudos na área, mas também para sua prática efetiva. Na "Introdução" à coletânea que organizou recentemente, Lawrence Venuti, tradutor e teórico da "visibilidade" do tradutor⁶, declara que a "meta" dos trabalhos que apresenta é

provocar uma nova reflexão [*a rethinking*] sobre a tradução que seja filosófica, mas também política, comprometida com questões da linguagem, do discurso e da subjetividade, ao mesmo tempo em que articula suas relações com as diferenças culturais, as contradições ideológicas e os conflitos sociais (1992, p. 6).

A trajetória dos estudos sobre tradução nos últimos anos, que vai da lingüística à desconstrução e à filosofia, do logocentrismo à abertura para a diferença e para o possível, da marginalidade ao centro da reflexão sobre a linguagem⁷, transforma a tradução num instrumento essencial para o estudo da transmissão da cultura e das relações entre os povos, ao mesmo tempo em que revê e reformula o papel e a "influência" da tarefa do tradutor. Nas palavras de Andre Lefevere (16):

O estudo da tradução pode ser revalorizado como uma ferramenta inestimável para a análise de problemas importantes tais como a relação entre poder e cultura (literária), a construção da imagem de uma cultura, de uma literatura, de um autor, de uma obra, em benefício (ou em detrimento) de outra cultura, as relações entre culturas dominantes e dominadas, a manipulação de textos ao serviço de ideologias e poéticas - problemas que têm ramificações para além do literário [...] (p. 109)

Ao invés de se enquadrar nos limites desta ou daquela disciplina institucionalizada, ao invés de “pertencer” à legislação teórica desta ou daquela divisão dos estudos da linguagem, a tradução deixa de ser um “problema” marginal e rebelde e começa a delinear seu próprio espaço acadêmico, podendo, inclusive, oferecer subsídios a outras áreas do conhecimento. Nesse momento político estratégico, em que a tradução conquista espaço e prestígio, o “narcisismo” de seus pesquisadores finalmente encontra uma “resolução” mais satisfatória e mais sensata do que a busca frustrante representada pelo prolongado momento anterior. Passa a ser possível, portanto, também o início de uma interferência mais positiva e mais efetiva nos caminhos da prática e da formação de tradutores que já se revela, concretamente, nos movimentos de organização da pesquisa na área e no fortalecimento dos sindicatos de tradutores, tanto entre nós como no exterior. Com os pés no chão e livres da sedução da “idéia” fugidia e inacessível que, ao longe, apenas acena com a promessa de uma teoria absolutamente “exata” e “definitiva” e de uma tradução imune a qualquer crítica e acima de qualquer suspeita, pesquisadores e profissionais da área podem finalmente aceitar o “real” e atuar sobre as questões que determinam os contornos e o alcance de seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ARROJO, R. *Pierre Menard, Autor del Quijote: esboço de uma poética da tradução via Borges. Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, nº 5, dez., pp. 75-89, 1984.
- (2) _____. A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no front. *Anais do III Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, PE, pp. 411-417, 1988. Reproduzido em (3) _____. (org.). *O signo desconstruído - implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, Pontes, 1992, pp. 107-112.
- (4) _____. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões. *DELTA*, vol. 6, nº 1, pp. 41-53, 1990. Reproduzido em (5) _____. (org.). *O signo desconstruído - implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, Pontes, 1992, pp. 71-79.
- (6) _____. A tradução como paradigma dos intercâmbios lingüísticos”. *ALFA - Revista de Lingüística*, UNESP, vol. 36, pp. 67-80, 1992a. Reproduzido em _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- (7) _____. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. *Trabalhos em lingüística aplicada*, UNICAMP, 19, jan.-jun., pp. 57-73, 1992b. Reproduzido em _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- (8) _____. Tradução. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica*, Rio de Janeiro, Imago, pp. 411-442, 1992c.
- (9) BASSNETT, S. *Translation studies*. Londres, Methuen & Co., 1978.
- (10) BASSNETT, S. & LEFEVERE, A. (orgs.). *Translation, history and culture*. Londres e Nova York, Pinter Publishers, 1990.
- (11) BENJAMIN, A. *Translation and the nature of philosophy - a new theory of words*. Londres, Nova York, Routledge, 1989.
- (12) DERRIDA, J. *Spurs: Nietzsche's styles*. Trad. de Barbara Harlow. Chicago, University of Chicago Press, 1979.
- (13) _____. *The ear of the other - otobiography, transference, translation*. Trad. de Peggy Kamuf. Nova York, Schocken, 1985.
- (14) GRAHAM, J. F. Theory for translation. In: ROSE, M. G. (org.). *Translation spectrum - essays in theory and practice*. Albany, State University of New York Press, 1981, pp. 23-30.
- (15) _____. (org.). *Difference in translation*. Ithaca, Cornell University Press, 1985.
- (16) LEFEVERE, A. The art of translation - voices

- from the field (book review). *Comparative literature studies*, vol. 28, nº 1, pp. 105-109, 1991.
- (17) MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, 1975.
- (18) NORRIS, C. Difference in translation (review essay). *Comparative literature*, 40, Winter, pp. 52-58, 1988.
- (19) RYAN, M. *Marxism and deconstruction*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1984.
- (20) SIMON, S. Rites of passage: translation and its intents. *The Massachusetts Review*, Spring-Summer, pp. 96-109, 1990.
- (21) STEINER, G. *After Babel - aspects of language and translation*. Londres, Oxford e Nova York, Oxford University Press, 1975.
- (22) ULMER, G. *Applied grammatology*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1985.
- (23) VENUTI, L. The translator's invisibility. *Criticism*, vol. XXVIII, nº 2, Spring, pp. 179-212, 1986.
- (24) _____. Simpatico. *SubStance*, 65:3-20, 1991. Reproduzido em *Trabalhos em lingüística aplicada*, UNICAMP, 19, jan.-jun., pp. 21-39, 1992.
- (25) _____. (org.). *Rethinking translation - discourse, subjectivity, ideology*. Londres e Nova York, Routledge, 1992.
- (26) WARREN, R. (org.). *The art of translation - voices from the field*. Boston, Northeastern University Press, 1989.
1. Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (processo 304543/89-6 NV). Parte de sua argumentação se baseia numa comunicação apresentada durante o XXXIX Seminário do GEL, na FAAC-UNESP, em Bauru, em 8 de junho de 1990, e publicada com o título de "A tradução como 'problema teórico' e as estratégias do logocentrismo" nos *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, 1991, pp. 240-246.
 2. Departamento de Lingüística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
 3. Esta e todas as outras traduções de citações e referências aqui apresentadas são minhas.
 4. Entre nós, comeci a associar a reflexão sobre o ofício do tradutor à desconstrução de Derrida no ensaio "Pierre Menard, Autor del Quijote: esboço de uma poética da tradução via Borges" (1).
 5. Para uma discussão sobre a base "tradutória" de todo intercâmbio lingüístico, ver Arrojo (6).
 6. Para uma discussão detalhada sobre a "visibilidade" do tradutor, ver Venuti (23 e 24) e Arrojo (7).
 7. Para uma discussão detalhada sobre esse trajeto empreendido pela tradução da marginalidade ao centro da reflexão sobre a linguagem, ver também (8).